

A cavalaria nas crônicas da Batalha de Crécy (1346)

Ives Leocelso Silva Costa*

RESUMO: O século XIV é considerado uma época de transição no cenário bélico medieval. Percebe-se uma escalada da violência com o aumento dos engajamentos, de sua duração e do quantitativo de combatentes nos exércitos. Observa-se também uma revalorização das tropas de infantaria, em detrimento da cavalaria pesada, que já foi tida como a força dominante nos campos de batalha medievais. Este artigo pretende analisar como a Cavalaria – pensada aqui como o conjunto de valores relacionados aos feitos de armas da nobreza – manteve seu vigor no século XIV, manifestando-se nas narrativas crônicas acerca de um dos confrontos mais representativos do tema da “decadência da Cavalaria”: a Batalha de Crécy (1346).

PALAVRAS-CHAVE: História da Guerra; Escrita da História; Cavalaria; Guerra dos Cem Anos.

Chivalry in the chronicles of the Battle of Crécy (1346)

ABSTRACT: The 14th century is considered a time of transition in the area of medieval warfare. An escalation of violence with increase in engagements, their duration and the number of combatants in the armies can be observed. It is also noticeable a renewed value of infantry troops to the detriment of heavy cavalry, once perceived as the dominant force on medieval battlefields. This article intends to examine how chivalry – here understood as the set of values related to the feats of arms of the nobility – maintained its vigour in the 14th century, manifesting itself in the chronicle narratives about one of the confrontations which most represent the ‘decadence of chivalry’ theme: the Battle of Crécy (1346).

KEYWORDS: History of War; Historical Writing; Chivalry; Hundred Years’ War.

La caballería en las crónicas de la Batalla de Crécy (1346)

RESUMEN: Se considera el siglo XIV una época de transición en el ámbito de la guerra medieval. Se puede observar una escalada de violencia con el aumento de los enfrentamientos, su duración y el número de combatientes en los ejércitos. También se nota un renovado valor de las tropas de infantería en detrimento de la caballería pesada, una vez percibida como la fuerza dominante en los campos de batalla medievales. Este artículo se propone examinar cómo la caballería – entendida aquí como el conjunto de valores relacionados con las hazañas de armas de la nobleza – mantuvo su vigor en el siglo XIV, manifestándose en las crónicas narrativas sobre uno de los enfrentamientos más representativos del tema de la “decadencia de la caballería”: la Batalla de Crécy (1346).

PALABRAS CLAVE: Historia de la Guerra; Escritura de la Historia; Caballería; Guerra de los Cien Años.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é doutorando em História na Universidade Federal de Pernambuco. Membro do Grupo de Pesquisa Do Antigo ao Moderno: Poderes, Culturas e Discursos (CNPq-UFPE). Integrante do *Insulae*: Grupo de Estudos sobre Britânia, Irlanda e Ilhas do Arquipélago Norte na Antiguidade e Medieval. Professor Efetivo de História da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas (SEDUC-AL). Contato: Rua Deputado Rubens Canuto, 215, Ponta Verde, CEP: 57035-200, Maceió-AL, Brasil. E-mail: ivesleocelso@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0759-7423>

A guerra estava no cerne da sociedade medieval. A nobreza atrelava seu *status* ao exercício das armas. Cronistas, poetas e menestrelis narravam vitórias épicas e derrotas trágicas, consagrando os feitos bélicos à memória. Burgueses competiam em torneios. Juristas e teólogos debatiam as condições de legitimidade dos conflitos. Camponeses eram recrutados para compor as hostes senhoriais. Os que ficavam para trás eram forçados a abandonar suas lavouras e procurar refúgio nas cidades muradas quando os exércitos inimigos se aproximavam.

Cogente à guerra, havia a Cavalaria¹. Profundos debates historiográficos têm sido travados a respeito das definições da Cavalaria, suas origens e seus aspectos, desde o final do século XVIII. Em nossa análise, nos alinharemos com a historiografia anglófona, que tem um de seus principais representantes em Maurice Keen, cujo *Chivalry* (1984) é até hoje o ponto de partida incontestado para os estudos contemporâneos acerca da Cavalaria. Para Keen, a Cavalaria era um modo de vida aristocrático, “[...] um *ethos* no qual elementos marciais, aristocráticos e cristãos foram fundidos juntos”.² Pode-se afirmar que a Cavalaria era a manifestação de uma cultura nobiliárquica pautada em valores militares: coragem, lealdade, proeza. Destes, o historiador norte-americano Richard W. Kaeuper destaca a proeza como o essencial: a habilidade em combate, a força física, a maestria com as armas.³ A Cavalaria, portanto, não se reduz à prática de lutar montado a cavalo.

Porém, diversos medievalistas, especialmente da tradição continental europeia – dentre eles Johan Huizinga, Georges Duby, Jean Flori e Franco Cardini – percebendo um certo declínio do uso de guerreiros montados no século XIV, tendem a assinalar esse período como um marco da decadência da Cavalaria.⁴ A Guerra dos Cem Anos (1337-1453) tem destaque nesse contexto, uma vez que nesse longo confronto os exércitos da dinastia inglesa dos Plantagenetas combateram majoritariamente a pé, derrotando as forças de cavalaria dos Valois franceses em várias batalhas campais. Uma das mais notórias delas ocorreu em Crécy, em 1346.

Segundo o historiador inglês Michael Prestwich, “a Batalha de Crécy foi um dos eventos mais notáveis do século XIV. Seu resultado espantoso reverberou ao redor da Europa, e conseqüentemente muitos cronistas a descreveram, na Inglaterra, França, Itália e em outros lugares”.⁵ A razão para tal foi a grande quantidade de aristocratas franceses mortos em uma derrota para uma força inglesa numericamente inferior: cerca de 1.500 escudeiros, Cavaleiros, condes e duques.⁶ Segundo o cronista contemporâneo Jean Le Bel, “foi dito que há muito

tempo não se ouvia falar de tantos príncipes serem mortos em um único dia – nem em Courtrai, nem em Benevento, nem em qualquer outro lugar”.⁷

Diante disso, este artigo pretende examinar como a Cavalaria se manifesta nas crônicas escritas sobre a Batalha de Crécy. Pretende-se demonstrar que estas narrativas incorporam e reiteram os valores Cavaleirescos, evidenciando que a Cavalaria manteve seu prestígio simbólico e cultural no século XIV, mesmo diante das transformações que ocorriam na guerra medieval.

As crônicas

As crônicas são cruciais para o entendimento da Cavalaria. Segundo o historiador inglês da Guerra dos Cem Anos Jonathan Sumption, elas oferecem um valioso *insight* acerca da mentalidade aristocrática, incapaz de ser obtido por meio de outros registros.⁸ O fato das crônicas se destinarem a um público Cavaleiresco – no século XIV a leitura nos círculos aristocráticos tornava-se cada vez mais comum – moldava o trabalho dos cronistas. De acordo com o medievalista francês Stéphane Boisselier:

Certamente, como em qualquer narrativa dirigida aos leigos, considerados incapazes de abstração, o público deve poder identificar-se nos pormenores e no espírito geral; a verossimilhança das atitudes mentais e o realismo dos elementos materiais (o famoso “efeito de realidade”) são, por conseguinte, obrigatórios.⁹

Além disso, as crônicas do século XIV possuíam caráter político-pedagógico. Político porque promoviam a memória de reis e senhores, agregando honra e legitimidade a eles e a seus descendentes. Pedagógico pois desejavam inspirar a emulação dos feitos recordados. Isto pode ser percebido no prólogo das *Chroniques* de Jean Froissart, que descreveu seu propósito nos seguintes termos:

Para que os empreendimentos honrados, as aventuras nobres e os feitos de armas que tiveram lugar durante as guerras travadas pela França e a Inglaterra sejam devidamente relatados e preservados para a posteridade, para que os homens bravos sejam assim inspirados a seguir tais exemplos, eu desejo colocar em registro estas questões de grande renome.¹⁰

Em nossa análise, utilizaremos, além dos trabalhos dos já mencionados Jean Le Bel e Jean Froissart, as obras de Geoffrey Le Baker e do autor conhecido como Anônimo Romano.

Le Bel (c. 1290-1370) foi cânon de Liège, cidade ligada no século XIV ao Sacro Império, e viveu em estilo principesco, tendo lutado, apesar de ser clérigo, contra os escoceses em 1327, onde travou contato com o Rei Eduardo III da Inglaterra, de quem se tornou um grande defensor.¹¹ Suas *Verdadeiras Crônicas* cobrem o período de 1321 a 1361 e foram

fruto de relatos ouvidos pelo cronista, que incorreu em grandes despesas em sua persecução. Le Bel entrevistou o Cavaleiro franco-flamengo João de Hainault, seu patrono, companheiro na batalha do Rei Filipe da França, e Cavaleiros de sua casa; bem como Cavaleiros ingleses e germânicos.¹²

Froissart (1337-1405), nascido na região francófona de Hainault, foi membro da corte da rainha Filipa da Inglaterra, esposa de Eduardo III, e lá deu início à escrita de suas *Crônicas*. Foi profundamente influenciado por Le Bel e suas crônicas são as que mais se aproximam da escrita literária, com inserção de diálogos e dramatizações dos eventos.¹³

Geoffrey Le Baker (?-c. 1360) foi um escriturário de Oxfordshire, Inglaterra, que escreveu a *Chronicon Angliae temporibus Edwardi II et Edwardi III* durante a década de 1350. Dentre os cronistas utilizados foi o único súdito direto do Reino da Inglaterra.¹⁴ Por fim, o Anônimo Romano, como o nome diz, é um autor desconhecido que viveu na Itália e, utilizando as missivas que circulavam pelas companhias comerciais italianas e, possivelmente, travando contato com mercenários conterrâneos que estiveram em Crécy, escreveu um relato da batalha entre 1357 e 1358. Era um autor claramente pró-Valois.¹⁵

Expostas as fontes, daremos prosseguimento à análise de como a Cavalaria se manifestou nas crônicas envolvendo a Batalha de Crécy. Em nossa exposição da batalha mais uma vez nos filiaremos à tradição historiográfica anglófona, abordando a narrativa cronológica dos acontecimentos e comparando as diferentes interpretações dos cronistas.

A Cavalaria na batalha de Crécy (1346)

Crécy foi uma batalha longa para os padrões medievais, tendo durado um dia quase inteiro. Nela se opuseram as forças do Rei Eduardo III da Inglaterra às de Filipe VI da França. Os ingleses combateram a pé, em posições defensivas, utilizando grande contingente de arqueiros. Os senhores franceses fizeram um ataque inicial com besteiros mercenários de Gênova, mas após seu fracasso avançaram a cavalo.¹⁶

As crônicas são unânimes ao descrever a confusão do início do combate, que em alguns momentos parece ter sido deflagrado de forma espontânea, sem ordens do Rei da França. De acordo com Jean Le Bel, o rei francês havia enviado um grupo de batedores sob o comando do Cavaleiro Le Moyne de Basle (identificado por Jules Viard como o suíço Henrique Moine da Basiléia)¹⁷ para examinar as posições inglesas. Ao regressar, ele o teria aconselhado:

Senhor, seu exército está se alongando por um longo caminho para trás através dos campos e vai ser muito tarde à hora que estiverem todos reunidos – já passa da noa. Eu sugiro que ordene seus homens a acamparem aqui; então amanhã de manhã, depois da missa, prepare seus batalhões e ataque seus inimigos em nome de Deus e São Jorge, pois eu tenho certeza de que eles não terão fugido: pelo que eu vi, eles estarão esperando pelo senhor.¹⁸

O conselho de Henrique da Basiléia não feriria a honra de Filipe, pois não implicava no abandono da refrega, apenas sugerindo seu adiamento para o dia seguinte, quando as circunstâncias favorecessem os franceses. Le Bel afirma que o Rei da França iria aceitar o conselho, ordenando que seus estandartes retrocedessem para fixar acampamento em uma posição mais distante dos ingleses; mas o controle do exército lhe escapou:

Mas nenhum dos senhores franceses estava disposto a dar meia volta até que aqueles à sua frente o tivessem feito, e aqueles à frente não queriam voltar de modo algum: eles sentiram que era vergonhoso. Eles mantiveram sua posição, imóveis, então os que estavam atrás continuaram cavalgando adiante – tudo por orgulho e inveja, que seriam sua perdição. Ignorando o conselho do valoroso Cavaleiro, eles cavalgaram adiante em todo seu orgulho competitivo, um na frente do outro, até que viram os ingleses organizados em três batalhões bem ordenados, esperando por eles. Vendo seus inimigos tão perto, os franceses sentiram a vergonha de dar meia volta ainda mais profundamente.¹⁹

Segundo Le Bel, orgulho, inveja e competitividade foram os pecados que fizeram a cavalaria francesa avançar sem ordem, nem preparo, para a batalha. Contudo, o porta-voz da razão nesta passagem era um Cavaleiro. A crítica de Le Bel foi, portanto, específica à indisciplina da alta aristocracia francesa, que punha seus melindres acima da unidade de propósito no serviço ao rei, ao contrário do que os ingleses faziam naquele momento.

O relato de Jean Froissart é bastante similar ao de Le Bel, acrescentando que Henrique da Basiléia era vassalo do Rei da Boêmia e um dos Cavaleiros mais bravos e experientes na guerra do lado francês.²⁰ Em suas *Crônicas*, após o fracasso das ordens de Filipe VI:

Então o orgulho e a vaidade assumiram o controle dos eventos. Cada um queria ofuscar seus companheiros, independente do conselho do galante Le Moine [...]. Nem o rei, nem seus marechais podiam contê-los por mais tempo, pois haviam muitos grandes senhores entre eles, todos determinados a mostrar seu poder. Eles cavalgaram desta forma, sem nenhuma ordem ou formação, até que chegaram às vistas do inimigo.²¹

Este excerto de Froissart é bastante revelador. A aristocracia francesa contava em suas fileiras com senhores imensamente poderosos que, a depender do período, governavam seus territórios com relativa ou total autonomia. Cada um deles unia-se ao exército real liderando seu próprio séquito de homens que lhes eram jurados, homens que não deviam lealdade direta ao monarca.

Após a debandada dos genoveses, Le Bel continua a narrativa:

Mas os batalhões dos grandes senhores estavam tão inflamados por sua rivalidade uns com os outros que eles não queriam esperar um pelo outro e investiram em uma massa confusa, sem nenhum tipo de ordem, prendendo os genoveses e auxiliares entre eles e os ingleses, de forma que eles não puderam fugir, mas caíram sob os cavalos em carga e foram pisoteados pela horda fervilhante atrás – eles tombavam uns sobre os outros como uma vasta ninhada de porcos.²²

Este episódio sem dúvida gera perplexidade: a cavalaria francesa em Crécy avançou sobre sua própria infantaria. Na fala de Le Bel, isto parece ter sido o resultado das rivalidades que permeavam a aristocracia francesa; os senhores belicosos disputavam uns com os outros para demonstrar maior proeza e os genoveses foram vitimados por estarem no caminho de seu ataque impetuoso. Para Froissart, porém, a ação teria sido ordenada por Filipe VI:

Pois o Rei da França, vendo quão miseravelmente haviam se portado, gritou com grande raiva: ‘Rápido, matem toda aquela ralé. Eles só estão ficando em nosso caminho!’. Então os homens montados começaram a atacá-los por todos os lados e muitos vacilaram e caíram, para nunca mais se erguer.²³

O desprezo pela infantaria, composta por homens comuns, transparece nas palavras que Froissart atribui ao rei francês. Este sentimento era certamente compartilhado pelos Cavaleiros que avançaram sobre os genoveses, fossem eles o alvo direto de sua ira ou somente vistos como uma inconveniência em seu trajeto. O Anônimo Romano argumenta pela hipótese de ataque deliberado, pois, segundo ele, os besteiros não haviam sido pagos e os franceses, vendo seu celeridade fracasso, teriam suspeitado de traição. A ordem para a carga, entretanto, não teria sido dada por Filipe, que, não obstante, a aprovou tacitamente: “Sir Ottone reclamou com o rei sobre a matança de sua gente; o rei respondeu e disse: - Nós não precisamos de infantaria. Nós temos tanta gente”.²⁴ Ainda que esta fala tenha sido elaborada pelo cronista, ela reitera o senso de superioridade e orgulho Cavaleiresco que predominava entre a aristocracia francesa, que considerava a quantidade de homens de armas como o fator determinante da força de um exército. Os senhores franceses percebiam a infantaria como gente sem valor, que mais atrapalhava do que ajudava na condução da nobre arte da guerra.

Segundo Geoffrey Le Baker, a impetuosa carga dos Cavaleiros franceses tinha a intenção de mostrar aos ingleses o quanto eles eram bravos, mas acabou gerando um avanço desordenado em massa:

Imensos gritos de dor se ergueram daqueles pisoteados pelos cavalos, berros tais que aqueles na retaguarda da grande hoste francesa pensaram que eram os ingleses que estavam sendo mortos. Ao ouvir isso, todos os franceses pressionaram adiante, seguindo nos calcanhares daqueles que estavam na frente; nesse ardor mal pensado,

os mais notáveis eram jovens Cavaleiros inexperientes, abundantes no exército, todos ofegando pela grande honra, que preenchia seus pensamentos, de capturar o Rei da Inglaterra.²⁵

Havia uma forte preocupação com a indisciplina causada pelo interesse na captura de prisioneiros, fonte de honra e riqueza, como já abordado. Le Bel afirma que Eduardo III havia determinado que seria enforcado aquele que rompesse as fileiras à procura de saque.²⁶ De acordo com Froissart, os ingleses não tomaram prisioneiros, nem pediram resgates, agindo conforme haviam combinado quando perceberam a superioridade numérica do inimigo.²⁷

O próprio Le Baker diz que por razões de disciplina o rei francês hasteou a Auriflama, o estandarte sagrado da monarquia francesa, depositado na Abadia de São Dinis em tempos de paz: quando a Auriflama era desfraldada, a misericórdia não era permitida, sob pena de morte. Em resposta, o Rei da Inglaterra hasteou o estandarte do dragão, com o mesmo significado.²⁸ É possível que o cronista estivesse tentando justificar *a posteriori* a grande matança de Cavaleiros ocorrida naquele dia, contrária às convenções regulares da Cavalaria; mas a Cavalaria era adaptável às necessidades da guerra e acomodava exceções.

De todo modo, o ataque aos genoveses foi uma medida desastrosa, pois, além de causar matança desnecessária entre seus próprios aliados, criou caos e confusão irreparáveis no campo de batalha. Para que uma carga de cavalaria funcionasse, ela precisava de terreno plano e desimpedido que permitisse que os cavaleiros mantivessem suas fileiras unidas e que os cavalos alcançassem velocidade de galope. Seu sucesso dependia do choque bruto de homem e animal contra o adversário. Os corpos de mortos e feridos, além da lama produzida pela chuva, impediram o avanço ordenado e reduziram a velocidade da investida. Le Bel afirma que os arqueiros Plantagenetas se aproveitaram disso:

Ao mesmo tempo, os arqueiros ingleses estavam disparando salvas tão incríveis que os cavalos foram crivados pelas terríveis flechas farpadas; alguns se recusavam a prosseguir, outros saltavam selvagememente, alguns atacavam e chutavam cruelmente, outros fugiram apesar dos esforços de seus mestres, e outros caíram enquanto as flechas golpeavam, incapazes de resistir.²⁹

A cena se repete em Froissart:

Os ingleses continuaram a disparar na parte mais densa da multidão, sem desperdiçar nenhuma de suas flechas. Eles empalaram ou feriram cavalos e cavaleiros, que caíram no chão com grande angústia, incapazes de se levantarem de novo sem a ajuda de vários homens.³⁰

Em Le Baker: “então um grande clamor elevou-se às estrelas a partir dos besteiros miseráveis, pisoteados pelos grandes cavalos, e dos cavalos perfurados pelas flechas, e a ordem dos franceses ficou seriamente confusa pelo tropeçar dos cavalos”.³¹ E no Anônimo Romano: “os cavalos foram perfurados no flanco esquerdo, então o exército foi profundamente enfraquecido. Os feridos começaram a bater em retirada. Cavalos caíram mortos”.³²

Era nos cavalos, portanto, que os arcos causavam o maior dano: além de oferecerem alvos maiores e menos protegidos (havia peças de armadura para cavalo, mas somente os mais ricos podiam providenciá-las e dificilmente para todas as suas montarias), mesmo quando as flechas não eram letais, podiam enfurecê-los ou amedrontá-los, fazendo com que empinassem, escoiceassem ou saíssem em disparada rumo a qualquer direção. Pode-se imaginar o dano causado por cavalos que tombavam sobre seus cavaleiros ou que os arremessavam, de armadura completa, ao chão.

Sobre esse cenário caótico a infantaria pesada inglesa avançou. Conforme Le Bel: “então os senhores ingleses – que estavam desmontados – avançaram e caíram sobre esses homens, tão indefesos quanto seus cavalos”.³³ O sucesso dos ingleses em Crécy, desta forma, ocorreu por um esforço de armas combinadas: os arqueiros assediavam e provocavam confusão, e os lanceiros e Cavaleiros a pé davam o golpe decisivo no combate corpo a corpo.

Apesar da clara vantagem tática desfrutada pelos ingleses, o combate foi muito intenso e se estendeu noite adentro. Neste duro embate, os cronistas destacam dois episódios: a resistência do Príncipe de Gales na vanguarda do exército inglês e a cavalgada final do Rei da Boêmia.

Eduardo de Woodstock, príncipe herdeiro do trono inglês, havia sido adubado Cavaleiro no começo da campanha e em Crécy recebeu o comando do primeiro batalhão Plantageneta. Este jovem de dezesseis anos, cuja experiência de guerra se limitava à jornada que acabara de vivenciar, tinha, deste modo, o desafio e a responsabilidade de sustentar a linha inglesa diante do ataque francês, que, mesmo com todos os percalços enfrentados, conseguiu alcançar as fileiras de seus adversários repetidas vezes. Seu desempenho, portanto, era vital não só para o estabelecimento de sua reputação como sucessor ao trono da Inglaterra, mas para o resultado do próprio confronto. Segundo Geoffrey Le Baker, sua performance foi admirável:

Em tal encontro terrível, Eduardo de Woodstock, o filho mais velho do rei, tendo então dezesseis anos, na primeira divisão mostrou seu valor aos franceses, perfurando cavalos, derrubando cavaleiros, despedaçando elmos e quebrando lanças,

bloqueando com habilidade golpes mirados contra ele, ajudando seus homens, defendendo a si próprio, ajudando os amigos que haviam caído a se levantar, e mostrando a todos um exemplo de boa conduta. Ele não descansou de seus grandes labores até que os inimigos, protegidos pela barreira de homens mortos, bateram em retirada. Lá sua honra Cavaleiresca aprendeu a realizar feitos Cavaleirescos com habilidade [...].³⁴

Diversos elementos podem ser apreendidos deste trecho. Em primeiro lugar, a valorização dos feitos de armas, em um sentido literal: o Príncipe de Gales é mostrado, acima de tudo, como um guerreiro. Em segundo lugar, a posição de liderança do Príncipe se manifesta no suporte aos seus companheiros e em se portar como um exemplo a ser seguido pelas tropas; em outras palavras, no comando a partir da linha de frente. Por fim, ainda que o Príncipe combatesse a pé, seus feitos são claramente designados como Cavaleirescos por Le Baker. Percebe-se, portanto, que a essência da Cavalaria residia, acima de tudo, na demonstração de coragem e proeza no combate corpo a corpo.

Le Baker continua sua narrativa, afirmando que novos homens de armas franceses se adiantaram para a refrega no lugar dos que estavam feridos, cansados ou mortos:

Estas contínuas adesões de força ao inimigo mantiveram o Príncipe e seus companheiros tão fortemente engajados que a grande massa do inimigo o forçou a lutar de joelhos. Então alguém correu ou cavalgou até o rei seu pai e, apontando para o perigo que atormentava seu filho mais velho, implorou por ajuda; então ele foi enviado com vinte Cavaleiros para ajudar o Príncipe e encontrou ele e seus companheiros apoiando-se em lanças e espadas, tomando fôlego e descansando em silêncio sobre longos montes de cadáveres, esperando pelo inimigo que havia se retirado.³⁵

Este episódio, apresentado por Le Baker como uma façanha digna das canções de gesta, ganha um componente adicional em Froissart. Segundo o cronista de Hainaut, Eduardo III não teria enviado auxílio ao filho quando este se encontrava sob intensa pressão. Ao invés disso, o rei teria perguntado a Thomas de Norwich, o Cavaleiro que solicitava reforços:

– Está meu filho morto ou atordoado, ou tão gravemente ferido que não possa continuar lutando? – Não, graças a Deus – retorquiu o Cavaleiro – mas ele está muito pressionado e precisa seriamente de sua ajuda. – Sir Thomas – o rei respondeu – volte para ele e para aqueles que o enviaram e diga-lhes para não me procurar novamente, enquanto meu filho estiver vivo. Dê-lhes meu comando de deixar o garoto ganhar suas esporas, pois se Deus permitir, eu gostaria que o dia fosse dele e que a honra pertencesse a ele e àqueles em cujos cuidados eu o coloquei.³⁶

Esta passagem costuma ser considerada pela historiografia uma criação de Froissart.³⁷ Entretanto, acreditamos que ela encapsula de forma magistral a cultura Cavaleiresca do século XIV: a honra deveria ser conquistada pela força das armas no enfrentamento do perigo, com a

benção de Deus. O Príncipe já havia sido adubado, mas mesmo assim deveria se provar merecedor de suas esporas, passando pelo batismo de fogo da guerra; só assim receberia o respeito de seus pares.

A valorização da honra acima da vida é encontrada explicitamente em Froissart, quando este afirma que, mesmo cansados da longa marcha do dia, os senhores franceses preferiram a morte à fuga desonrosa.³⁸ Contudo, nenhum episódio da Batalha de Crécy reflete melhor esta postura que a morte do Rei João da Boêmia.

João de Luxemburgo era filho do Imperador Henrique VII, e em 1346 tinha cerca de cinquenta anos de idade. Uma década antes, quando estava em Cruzada na Lituânia, contraiu uma infecção ocular que lhe causou a perda da visão. De acordo com o historiador militar britânico Andrew Ayton:

Conduzida pelas exigências de manter seus interesses territoriais dispersos, assim como por seu entusiasmo pela Cruzada, a carreira militar de trinta anos do Rei João o havia tornado um nome consagrado através da Cristandade. Para os contemporâneos, ele era '*le bon roi*', um paladino da Cavalaria.³⁹

Segundo Geoffrey Le Baker, o Rei da Boêmia era um homem de grande sabedoria e experiência em armas, que teria profetizado que morreria lutando contra os Cavaleiros mais nobres do mundo. Notadamente, Le Baker, escrevendo após os acontecimentos, tencionava glorificar a nobreza da Inglaterra.⁴⁰ Jean Le Bel, por seu turno, comenta sobre a morte de João em sua listagem dos mortos em Crécy:

Eu começarei com o mais nobre e mais valoroso, e este foi o valente Rei da Boêmia que, apesar de sua cegueira total, estava determinado a estar na vanguarda da batalha e ordenou a seus Cavaleiros, sob pena de decapitação, a conduzi-lo adiante, não importa o que houvesse, para que pudesse dar um golpe de espada no inimigo.⁴¹

Como de costume, Froissart acrescenta mais detalhes à história. De acordo com ele, João estava completamente paramentando para lutar, apesar de ser cego, e após o massacre dos genoveses teria manifestado seu desejo de entrar no combate, dizendo a seus seguidores:

– Meus senhores, vós sois meus homens, meus amigos e meus companheiros de armas. Hoje eu tenho um pedido especial para lhes fazer. Levem-me avante o suficiente para eu dar um golpe com minha espada. – Porque eles estimavam a honra dele e sua própria proeza, seus Cavaleiros consentiram. [...] No intuito de se conduzirem bem e de não perder o rei na multidão, eles amarraram seus cavalos juntos pelos arreios, puseram seu rei na frente para que ele pudesse realizar o seu desejo e cavalgaram em direção ao inimigo.⁴²

Froissart prossegue, afirmando que o Rei da Germânia, filho de João, abandonou o campo quando viu que a batalha ia mal para o lado francês, mas:

Não o bom rei seu pai, pois ele chegou tão perto do inimigo que foi capaz de usar sua espada várias vezes e lutou com grande bravura, assim como os Cavaleiros com ele. Eles avançaram tanto que todos eles permaneceram no campo, nenhum escapando vivo. Eles foram encontrados no dia seguinte jazendo ao redor de seu líder, com seus cavalos ainda amarrados juntos.⁴³

O mesmo relato aparece no Anônimo Romano, mas com algumas diferenças. Nele, os seguidores do Rei da Boêmia teriam mostrado resistência ao seu desejo suicida. Então João teria dito:

– Eu quero que ataquemos. Vamos adiante morrer com honra. – Os condes disseram: O que você ganha com sua morte e a nossa? – O rei respondeu: Em boa fé, eu digo o que digo porque acredito que estou lutando pela verdade. – Ouvindo essas palavras, os barões foram convencidos.⁴⁴

Segundo o cronista italiano, foi João quem requisitou que o Rei da Germânia fosse retirado de campo, contra a vontade dele, comandando que os senhores mais importantes de Luxemburgo e da Boêmia obedecessem a seu filho e o honrassem como rei e senhor. João então foi acorrentado a dois Cavaleiros, “para que tivessem a mesma morte, a mesma honra” e liderou a carga, combatendo sem misericórdia até ser sobrepujado, morrendo esmagado pelos cavalos de seus camaradas.⁴⁵

Percebe-se que os cronistas são unânimes em louvar o Rei da Boêmia. Segundo Jonathan Sumption, este foi o incidente pelo qual a batalha foi mais lembrada, pelos dois lados.⁴⁶ O avanço do rei e seus companheiros para a morte incorporava as qualidades de coragem e lealdade que eram tão valorizadas pela Cavalaria. Sua honra os levou até as últimas consequências, ao sacrifício da própria vida em nome de uma causa que acreditavam ser justa.

Enquanto João da Boêmia alcançou a glória na morte, junto a tantos outros senhores franceses, Filipe VI da França escapou, mas perdeu a maior parte de seu prestígio. Conforme a medievalista francesa Françoise Autrand, os cronistas são unânimes em representar a partida de Filipe não como uma retirada estratégica, mas como uma fuga vergonhosa.⁴⁷

No final do século XIV, quando a monarquia Valois já estava consolidada, as *Crônicas dos Quatro Primeiros Valois*, procuraram salvar algo da reputação de Filipe VI, o criador da dinastia: “por pressa e confusão foram os franceses destruídos. O Rei Filipe em sua pressa se portou naquele dia como um ótimo Cavaleiro e realizou maravilhosos feitos de armas, mas a fortuna se voltou contra ele”.⁴⁸ Observa-se o elogio à conduta Cavaleiresca do monarca como elemento de restauração de honra, mesmo diante da derrota, o que demonstra o

quanto a Cavalaria ainda exercia influência na cultura senhorial do período. Adiante, as crônicas dos Valois afirmam que o rei francês combateu até a noite e que não perdeu a batalha, mas que, com a chegada da escuridão, mediante conselho, retirou-se para Amiens.⁴⁹

Após a fuga do Rei da França, quando o silêncio recaiu sobre o campo de batalha, Froissart afirma que Eduardo III se dirigiu a seu filho e lhe disse: “querido filho, Deus permita que você continue por muito tempo neste caminho. Você é de fato meu filho, pois cumpriu seu dever com muita lealdade neste dia. Você se provou ser digno de governar uma terra”.⁵⁰ Esta fala diz muito a respeito das expectativas Cavaleirescas que repousavam na realeza e na aristocracia no século XIV: por seu desempenho em perfurar cavalos, derrubar cavaleiros, despedaçar elmos e quebrar lanças – para usar as palavras de Le Baker – o Príncipe de dezesseis anos não só havia se mostrado à altura do título de Cavaleiro, mas provara ser digno de um dia ser rei.

Conclusão

Argumentamos que a Cavalaria era uma instituição essencial para a nobreza do século XIV. Acreditamos que as crônicas escritas a respeito da Batalha de Crécy corroboram esta afirmação. Ao longo da análise percebeu-se que o vocabulário e os valores Cavaleirescos eram continuamente invocados na condução das narrativas de Le Bel, Froissart, Le Baker e do Anônimo Romano. A condenação ao orgulho e à vaidade, o elogio à coragem e à lealdade, a intensa valorização dos feitos de armas, todos são componentes da cultura Cavaleiresca que permanecia forte na Baixa Idade Média.

A factualidade dos eventos narrados pelos cronistas acerca da Batalha de Crécy não é tão importante quanto sua percepção dos mesmos. Evidentemente, ao narrar uma batalha da qual tantas figuras ilustres participaram e cujos herdeiros, quando não elas próprias, estavam vivas à época da escrita e publicação, as crônicas estiveram sujeitas a um intenso jogo de influências e interesses. Le Baker e Froissart certamente desejavam agradar seus patronos Plantagenetas ao descrever elogiosamente a conduta do Príncipe de Gales. O que nos interessa, portanto, não é a veracidade dos feitos descritos, mas a forma pela qual os cronistas buscaram registra-los. Ao descrever o príncipe como um guerreiro sem par, dono de força, habilidade e resistência primorosas, os autores revelam como os valores Cavaleirescos, centrados fundamentalmente na proeza militar, eram utilizados para mensurar o valor dos nobres.

Se, de certa maneira, a Batalha de Crécy pode ser utilizada para corroborar a tese de que a cavalaria pesada não possuía supremacia militar no século XIV, defendemos que a Cavalaria transcendia os aspectos técnico-militares da oposição entre soldados montados e infantaria. Tanto que ao longo das crônicas apresentadas percebeu-se a atribuição de elogios Cavaleirescos aos beligerantes ingleses que combateram desmontados. Estar a cavalo ou a pé não era a essência da Cavalaria, mas sim a cultura de exortação dos feitos de armas e dos valores marciais.

Uma vez que as crônicas examinadas se destinavam ao público leigo aristocrático e objetivavam construir a memória acerca dos personagens retratados e estimular que os nobres leitores e ouvintes inspirassem-se neles e imitassem suas ações, acreditamos que o papel central da Cavalaria nas narrativas sobre Crécy revela a permanente robustez desta instituição nos séculos finais da Idade Média.

Notas

¹ Grafamos Cavalaria com C maiúsculo para distinguir esta instituição medieval do simples contingente de guerreiros a cavalo (cavalaria), realizando assim uma distinção entre aquilo que em inglês é chamado de *Chivalry* e *cavalry*. Nisso nos espelhamos na prof. Dr^a Néri de Barros Almeida em sua tradução de *La Chevalerie* (2007), de Barthélemy. Cf. BARTHÉLEMY, Dominique. *A cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Unicamp, 2010. p. 15, nota 1.

² KEEN, Maurice. *Chivalry*. New Haven: Yale University Press, 1984. p. 16.

³ KAEUPER, Richard W. *Chivalry and violence in medieval Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 130.

⁴ Para uma discussão aprofundada acerca da tese da decadência da Cavalaria cf. COSTA, Ives Leocelso Silva. A cavalaria na baixa idade média: declínio ou transformação? *Cantareira (UFF)*, Niterói, v. 1, n. 36, p. 56-74, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/49454>. Acesso em: 26 dez. 2022.

⁵ PRESTWICH, Michael. The battle of Crécy. In: AYTON, Andrew; PRESTON, Philip. *The battle of Crécy, 1346*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 139-157. p. 139.

⁶ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War 1: trial by battle*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1990. p. 530-531.

⁷ LE BEL, Jean. *The true chronicles of Jean Le Bel, 1290-1360*. Ed. e trad. Nigel Bryant. Woodbridge: The Boydell Press, 2011. p. 183.

⁸ SUMPTION, *op. cit.*, p. x.

⁹ BOISSELLIER, Stéphane. Ideologia da guerra ou ideologia dos guerreiros?: mais algumas interpretações do relato da batalha do Salado (1340) no livro de linhagens do conde dom Pedro. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Curitiba, n. 7, p. 84-103, 2014. p. 95.

¹⁰ FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968. p. 37.

¹¹ TYSON, Diana B. Jean Le Bel: portrait of a chronicler. *Journal of Medieval History*, Londres, v. 12, p. 315-332, 1986. *passim*.

¹² LE BEL, *op. cit.*, p. 181.

¹³ SACCOMORI, Guilherme Floriani. *Guerreiros e batalhas na mira de Jean Froissart (1337-1405): cenário em transformação*. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. *passim*.

¹⁴ MYERS, A. R. (ed.). *English historical documents, 1327-1485*. Londres: Routledge, 1996. p. 36.

- ¹⁵ CAMPANELLI, Maurizio. The Anonimo Romano at his desk: recounting the battle of Crécy in fourteenth-century Italy. In: KOOPER, Erik; LEVELT, Sjoerd (ed.). *The Medieval Chronicle*. Amsterdã: Rodopi, 2014. v. 9. p. 33-78. p. 34.
- ¹⁶ Para um relato extenso da batalha, cf. COSTA, Ives Leocelso Silva. “*The most noble knights of the world*”: a cavalaria na campanha de Crécy (1346). 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.
- ¹⁷ VIARD, Jules. Henri le moine de Bâle à la bataille de Crécy. *Bibliothèque de l'école des chartes*, Paris, t. 67, p. 489-496, 1906. *passim*.
- ¹⁸ LE BEL, *op. cit.*, p. 180.
- ¹⁹ *Ibid.*, *loc. cit.*
- ²⁰ FROISSART, *op. cit.*, p. 85-86.
- ²¹ *Ibid.*, p. 86.
- ²² LE BEL, *op. cit.*, p. 180.
- ²³ FROISSART, *op. cit.*, p. 89.
- ²⁴ CAMPANELLI, *op. cit.*, p. 72.
- ²⁵ MYERS, *op. cit.*, p. 78.
- ²⁶ LE BEL, *op. cit.*, p. 182.
- ²⁷ FROISSART, *op. cit.*, p. 91.
- ²⁸ MYERS, *op. cit.*, p. 78.
- ²⁹ LE BEL, *op. cit.*, p. 180.
- ³⁰ FROISSART, *op. cit.*, p. 89.
- ³¹ MYERS, *op. cit.*, p. 79.
- ³² CAMPANELLI, *op. cit.*, p. 74.
- ³³ LE BEL, *op. cit.*, p. 180.
- ³⁴ MYERS, *op. cit.*, p. 79.
- ³⁵ *Ibid.*, *op. cit.*, *loc. cit.*
- ³⁶ FROISSART, *op. cit.*, p. 92.
- ³⁷ SUMPTION, 1990, p. 529; PRESTWICH, 2007, p. 149.
- ³⁸ FROISSART, *op. cit.*, p. 90.
- ³⁹ AYTON, Andrew. The battle of Crécy: context and significance. In: AYTON, Andrew; PRESTON, Philip. *The battle of Crécy, 1346*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 1-34. p. 24.
- ⁴⁰ MYERS, *op. cit.*, p. 77-78.
- ⁴¹ LE BEL, *op. cit.*, p. 183.
- ⁴² FROISSART, *op. cit.*, p. 89-90.
- ⁴³ *Ibid.*, p. 90.
- ⁴⁴ CAMPANELLI, *op. cit.*, p. 74.
- ⁴⁵ *Ibid.*, p. 74-75.
- ⁴⁶ SUMPTION, 1990, p. 529.
- ⁴⁷ AUTRAND, Françoise. The battle of Crécy: a hard blow for the monarchy of France. In: AYTON, Andrew; PRESTON, Philip. *The battle of Crécy, 1346*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 273-286. p. 274.
- ⁴⁸ *CHRONIQUE DES QUATRE PREMIER VALOIS (1327-1393)*. Ed. Siméon Luce. Paris: Jules Renouard, 1862. p. 16.
- ⁴⁹ *Ibid.*, p. 17.
- ⁵⁰ FROISSART, *op. cit.*, p. 93.

Referências

AUTRAND, Françoise. The battle of Crécy: a hard blow for the monarchy of France. In: AYTON, Andrew; PRESTON, Philip. *The battle of Crécy, 1346*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 273-286.

AYTON, Andrew. The battle of Crécy: context and significance. In: AYTON, Andrew; PRESTON, Philip. *The battle of Crécy, 1346*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 1-34.

BARTHÉLEMY, Dominique. *A cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Unicamp, 2010.

BENNETT, Matthew. The myth of the military supremacy of knightly cavalry. In: FRANCE, John (ed.). *Medieval warfare, 1000-1300*. Abingdon: Routledge, 2016. p. 171-183.

BOISSELLIER, Stéphane. Ideologia da guerra ou ideologia dos guerreiros?: mais algumas interpretações do relato da batalha do Salado (1340) no *livro de linhagens* do conde dom Pedro. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Curitiba, n. 7, p. 84-103, 2014.

CAMPANELLI, Maurizio. The Anonimo Romano at his desk: recounting the battle of Crécy in fourteenth-century Italy. In: KOOPER, Erik; LEVELT, Sjoerd (ed.). *The Medieval Chronicle*. Amsterdã: Rodopi, 2014. v. 9. p. 33-78.

CHRONIQUE DES QUATRE PREMIER VALOIS (1327-1393). Ed. Siméon Luce. Paris: Jules Renouard, 1862.

COSTA, Ives Leocelso Silva. “*The most noble knights of the world*”: a cavalaria na campanha de Crécy (1346). 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

COSTA, Ives Leocelso Silva. A cavalaria na baixa idade média: declínio ou transformação? *Cantareira (UFF)*, Niterói, v. 1, n. 36, p. 56-74, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/49454>. Acesso em: 06 mai. 2022.

FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968.

KAEUPER, Richard W. *Chivalry and violence in medieval Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

KEEN, Maurice. *Chivalry*. New Haven: Yale University Press, 1984.

LE BEL, Jean. *The true chronicles of Jean Le Bel, 1290-1360*. Ed. e trad. Nigel Bryant. Woodbridge: The Boydell Press, 2011.

MYERS, A. R (ed.). *English historical documents, 1327-1485*. Londres: Routledge, 1996.

PRESTWICH, Michael. The battle of Crécy. In: AYTON, Andrew; PRESTON, Philip. *The battle of Crécy, 1346*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 139-157.

SACCOMORI, Guilherme Floriani. *Guerreiros e batalhas na mira de Jean Froissart (1337-1405): cenário em transformação*. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War I: trial by battle*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1990.

TYSON, Diana B. Jean Le Bel: portrait of a chronicler. *Journal of Medieval History*, Londres, v. 12, p. 315-332, 1986.

VIARD, Jules. Henri le moine de Bâle à la bataille de Crécy. *Bibliothèque de l'école des chartes*, Paris, t. 67, p. 489-496, 1906.